

A cultura escrita no contexto luso-brasileiro: entrevista com Justino Magalhães

Written culture in the Luso-Brazilian context: an interview with Justino Magalhães

La cultura escrita en el contexto luso-brasileño: entrevista a Justino Magalhães

Fernanda Schons^I

Guilherme José Schons^{II}

APRESENTAÇÃO

Um dos mais célebres pesquisadores da história da educação na contemporaneidade, Justino Magalhães nasceu aos 24 de abril de 1953 no Distrito de Braga, em Barcelos, região norte de Portugal. Professor catedrático jubilado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, reformado recentemente, em 24 de abril de 2023 — mesma data em que comemorou seus 70 anos de vida —, Justino Magalhães consolidou uma brilhante carreira acadêmica e científica ancorado aos princípios de correlação entre ensino e pesquisa. Sua trajetória profissional docente teve início em 1971, quando se formou professor no magistério primário de Braga. Sete anos depois, em 1978, Justino Magalhães concluiu a graduação em história (licenciatura) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, também em Portugal, tendo realizado entre 1979 e 1980 o estágio pedagógico — especialização pós-licenciatura — vinculado ao Ministério da Educação de Portugal.

Com a dissertação intitulada *A instrução pública em Trás-os-Montes nos finais do Antigo Regime: contributos para uma projecção da reforma pombalina na génese do sistema educativo português* (Magalhães, 1989), tornou-se mestre em provas de aptidão pedagógica pela Universidade do Minho. A tese *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal* (Magalhães, 1994) conferiu-lhe o título de doutor em educação, também pela Universidade do Minho, mesma instituição pela qual, no ano 2000, conquistou o título de agregado, tornando-se doutor em história da educação e da pedagogia, com a tese *História da educação: história das instituições escolares e das práticas educativas* (Magalhães, 2000). Magalhães realizou, em 2008, estágio de investigação em história, linguagem e educação, sob orientação de Peter Burke, pela Emmanuel College, Cambridge University, no Reino Unido e, entre 2009 e 2010, pós-doutoramento sob orientação de Roger Chartier pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França.

Austeridade, ética e rigor acadêmico, científico e intelectual marcam o percurso profissional de Justino Magalhães no decorrer de 52 anos de dedicação à atividade docente nos três níveis de

^IUniversidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, RS, Brasil. E-mail: fernanda.schons@estudante.uffs.edu.br  <https://orcid.org/0000-0003-2638-6514>

^{II}Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, RS, Brasil. E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br  <https://orcid.org/0000-0002-9498-4164>

ensino: professor do ensino primário (1971–1976), professor do ensino secundário (1976–1986) e professor do ensino superior (1986–2023). Casado com Violante Magalhães — doutora em literatura portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa —, ao lado de quem construiu uma família com dois filhos, dois enteados e cinco netos, tornou-se ilustre referência em temas relacionados à educação, especialmente no que se refere a ciências da educação, história, cultura escrita e história da cultura escrita, alfabetização e história da alfabetização, da leitura e da escrita, livro escolar e história do livro escolar, município pedagógico e história do local e do município pedagógico, epistemologia, teoria da educação, história da educação e da escolarização, história das instituições educativas e fontes históricas.

Autor de *Alquimias da escrita: alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do Antigo Regime* (2001), *Tecendo nexos: história das instituições educativas* (2004), *Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII–XX)* (2010) e *O mural do tempo: manuais escolares em Portugal* (2011), entre outras obras de valor inestimável, sobretudo para os historiadores da educação luso-brasileira, Justino Magalhães tem se dedicado principalmente a três importantes linhas de investigação: história do local e do município pedagógico; história da cultura escrita, da alfabetização e do livro escolar; história da educação e da escolarização, história das instituições educativas, epistemologia e teoria da educação. Para júbilo de seus leitores, foi publicado, em 2022, pelo consórcio EDUFU/Unicamp, o livro *Na rota da educação: epistemologia, teoria, história* (Magalhães, 2022).

Na edição referente a setembro/dezembro de 2006 da *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, simultaneamente ao período em que fora avaliador da *Revista Portuguesa de Educação*, o professor Justino Magalhães teve publicado o artigo intitulado “O manual escolar no quadro da história cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal”. Ao estabelecer relações teóricas e dialógicas — sejam implícitas, sejam explícitas — com Roger Chartier, a obra elenca aspectos os quais denotam as especificidades, bem como a internalidade, inerentes ao livro escolar. Com exímio refinamento argumentativo e erudito, Magalhães (2006) conduz o leitor ao encontro do triângulo básico da história cultural delineado por Chartier (1994), em diálogo com Michel de Certeau (1982; 1990), Foucault (1983) e Ricoer (1985). Analisa profundamente o panorama da história cultural (Burke, 2005) e da história da cultura escrita, com ênfase no que se relaciona às condições de produção, circulação e apropriação, na medida em que concebe o saber como conhecimento e o conhecimento como (in) formação (Magalhães, 2006), bem como às práticas de leitura (Bourdieu, 1985) — do códex à tela, do leitor ao navegador (Chartier, 1988; 1994; 1998). Reverbera ainda as dimensões as quais compõem o livro e, de modo particular, o livro escolar, cujo escopo se categoriza tautocronamente como epistêmico e gnoseológico, científico e discursivo, pedagógico e psicológico, além de socioantropológico.

Mais de meio século consagrado ao fazer científico e à profissionalidade da docência conferiram ao professor Justino Magalhães a apreensão da relevância dos projetos de internacionalização das atividades acadêmicas e, nesse sentido, o Brasil é privilegiado. Ele estabeleceu relações de proximidade com importantes instituições educativas no Brasil, a exemplo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), bem como renomadas universidades públicas e privadas e ilustres intelectuais brasileiros, com destaque para Dermeval Saviani, com quem trabalhou durante um mês na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo. Tais vínculos oportunizaram que estivesse no Brasil diversas vezes, e seus interesses sobre diários de viagem e escrita no Brasil Colônia, livro escolar e revistas pedagógicas são alguns dos fatores que mantêm estreitos os laços ibero-americanos formados por Magalhães e a pesquisa acerca da história da educação — sobretudo no que se refere à cultura escrita. Trata-se de aspectos sobre os quais nos fala na entrevista a seguir, a qual nos foi concedida via *e-mail*, nos meses finais de 2023, por meio de um afetuoso e intelectual diálogo transatlântico, indubitavelmente, um privilégio oportunizado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia que nos permitem comunicarmo-nos virtualmente.

Entrevistadores: Prezado Professor Justino Magalhães, em primeira instância, agradecemos imensamente, além de sua disponibilidade e generosidade ao conceder esta entrevista, sua vultosa obra bibliográfica, a qual constitui uma das principais referências para estudiosos e pesquisadores de temas relacionados à história da educação, especialmente no âmbito luso-brasileiro.

Ao acompanharmos sua obra, marcada por intensa produção bibliográfica, identificamos que sobressaem três eixos de pesquisa, quais sejam: história da educação e da escolarização, história das instituições educativas, epistemologia e teoria da educação; História do local e do município pedagógico; história da cultura escrita, da alfabetização e do livro escolar. Em sua concepção, qual relevância e dimensão assume uma abordagem de perspectiva interdisciplinar em investigações no campo da historiografia, especialmente em relação à etnohistoriografia do manual escolar?

Justino Magalhães: As linhas temáticas que refere são as que tenho assumido nas minhas sùmulas biobibliográficas e que convergem no eixo epistêmico história da educação/instituição/cultura escrita, nos períodos moderno e contemporâneo. Este alinhamento axiológico tem-me possibilitado desenvolver estudos sobre objetos e temas dentro do complexo interdisciplinar formado pelas temáticas enunciadas. Há, nestes estudos, uma comunalidade de fontes e uma base hermenêutica que respeita os aspectos fundamentais da operação historiográfica e historiológica. Associada a combinações inter e transdisciplinares, esta reincidência permite ampliar a matriz conceitual e construir novos objectos epistêmicos. Na sua pergunta se refere à etnohistoriografia do livro escolar como manifestação de interdisciplinaridade. De facto, a etnohistoriografia do livro escolar incide sobre aspectos fundamentais da manualística, designadamente a configuração editorial, os usos didáticos e as práticas cognoscentes. Ao atribuir especificidade ao livro escolar, a etnohistoriografia articula critérios curriculares, políticas educativas, modalidades e manifestações de uso e rememoração. Na historiografia do livro escolar, os estudos etnológicos têm constituído um contraponto aos estudos quantitativos assentes na elaboração e na interpretação de grandes bases de dados.

Entrevistadores: Roger Chartier, notadamente seu orientador em pós-doutoramento realizado entre 2009 e 2010 na École des Hautes Études en Sciences Sociales, é recorrentemente citado em sua obra, mesmo em períodos anteriores ao seu estágio em Paris. Como iniciou sua proximidade com Chartier?

Justino Magalhães: A minha proximidade com o professor Roger Chartier foi e continua a ser essencialmente como leitor, estudioso e discípulo. Tenho pelo professor Roger Chartier a maior estima intelectual. Tendo tido oportunidade de realizar estágios de investigação no Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica — INRP (Paris) com acolhimento e supervisão da professora Anne-Marie Chartier, a quem devo uma longa troca de conhecimentos, experiências e projetos de investigação, mas também uma profunda amizade, foi através dela que fui acolhido pelo professor Roger Chartier. Para grande espanto e privilégio meus, na primeira vez que visitei o professor Roger Chartier, ele tinha lido integralmente a minha tese de doutoramento *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime* (1994). Foi sobre esse estudo que me falou longamente, asseverando que tinha apreciado particularmente as virtualidades do método interdisciplinar e as categorias de análise que eu tinha aplicado. Em seu entender, as manifestações autográficas que compunham o instrumento de análise configuravam práticas de escrita e representavam diferentes capacitações de aculturação escrita. Eram práticas efectivas de escrita. Desafiou-me para prosseguir naquela linha de investigação. No entanto, a dificuldade de enquadramento dos estudos sobre cultura escrita no campo da educação e a premência de trabalhar matérias do universo histórico-pedagógico, para corresponder às obrigações profissionais, curriculares e institucionais, acabaram por tornar inviável o enorme investimento empírico que se tornava necessário. Frequentei, com grande proveito, os seminários do professor Roger Chartier sobre história da cultura escrita no mundo moderno e procurei fazer uma ligação com a história do livro escolar.

Entrevistadores: O entendimento sobre o livro, o texto, a leitura como triângulo básico da história cultural, bem como a percepção de que é nos planos da representação e da apropriação, isto é, do conhecimento como saber e da (in)formação como conhecimento que transcorre a integração da história do livro e da leitura na história cultural, são aspectos destacáveis de convergência do seu pensamento e de Roger Chartier. Quais relações o professor poderia salientar entre os estudos desenvolvidos pelo historiador francês, especialmente no campo da história cultural, história do livro, da edição e da leitura e a compreensão sobre a história dos manuais escolares como um contributo fundamental para a história do livro, assim como para a clareza de que o manual escolar, enquanto meio didático e símbolo pedagógico, cuja produção corresponde a uma complexa configuração entre texto, forma e discurso, constitui um caso particular no quadro mais amplo da cultura escrita?

Justino Magalhães: A sua questão é pertinente. Se, por um lado, os estudos sobre o livro escolar têm dado origem a uma historiografia quantitativa e serial que recupera e adapta os grandes campos da biblioteconomia, o que pode configurar alguma secundarização no plano hermenêutico a que as perspectivas ideológicas, etno-historiográficas, disciplinares procuram fazer face, por outro lado, o livro escolar tem constituído um assunto menor nos domínios da história cultural e da história da educação. De facto, o livro escolar é antes do mais um livro, com autoria e destinatários. Congrega o triângulo a que alude na pergunta: livro, texto, leitura. Em vários estudos, mas com maior desenvolvimento, em *O mural do tempo: manuais escolares em Portugal* (2011), procurei inscrever o livro escolar na história da educação e na história cultural.

Quando Roger Chartier se refere à mobilidade dos textos e à permanência das obras, não poderá deixar de admitir-se que estas categorias e estas circunstâncias são fundamentais para a história da textualidade, do cânone e dos currículos escolares. Entre outros aspectos, correspondem a manifestações dos processos de representação e apropriação, pelo que aquelas categorias e estes processos permitem inscrever o livro escolar na história do livro e da leitura.

Entrevistadores: Com muita satisfação, temos acompanhado seu envolvimento, desde 1994, com instituições educativas brasileiras, como por exemplo a sua participação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), a realização de congressos e trabalhos em universidades brasileiras, nomeadamente, Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), espaços como Rio de Janeiro, Florianópolis, Porto Alegre, São Leopoldo, Belo Horizonte, Sergipe, Uberlândia, Curitiba, João Pessoa, São Luís do Maranhão, Pernambuco e Sertão da Bahia, além da Unicamp — com a publicação, para nosso júbilo, de seu livro: *Na Rota da Educação: Epistemologia, Teoria, História* pelo consórcio EDUFU/Unicamp, em 2022 — bem como parcerias estabelecidas com intelectuais brasileiros, com destaque para Dermeval Saviani. Como o professor avalia a importância de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento e fomento da tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão e investimento em programas de intercâmbio universitário entre Brasil e Portugal, bem como projetos bilaterais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)?

Justino Magalhães: Refere bem que eu tenho sido fruidor de um quadro científico, político e cultural de intercâmbio entre Portugal e Brasil que, embora com algumas irregularidades, tem possibilitado projetos e trabalhos científicos da maior relevância por parte dos investigadores em particular, e por parte das comunidades científicas e das instituições universitárias em geral. Os intercâmbios e as colaborações têm sido recíprocos e, no meu caso, tive o privilégio de acolher muitos professores e investigadores em estágios de investigação, pós-doutoramento e estágios doutorais. A história da educação é um domínio científico em que tem havido congressos e eventos bilaterais de grande impacto, ainda que a circulação de livros, mesmo de livros produzidos no âmbito de projectos conjuntos, continue sujeita a constrangimentos formais e financeiros que

condicionam o intercâmbio. Eu próprio publiquei livros no Brasil que dificilmente circularam em Portugal e tenho tido dificuldade em fazer chegar a investigadores e a colegas brasileiros, a título de oferta, exemplares dos meus livros publicados em Portugal.

Entrevistadores: No Brasil, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Ministério da Educação, é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Resultado de sucessivas políticas públicas educacionais, desde 1929, quando foi criado, o PNLD tem sido aprimorado e ampliado. Um programa desta envergadura nos parece ser uma exclusividade brasileira. Como o senhor avalia o PNLD?

Justino Magalhães: Eu não me sinto habilitado a responder com suficiência. Em diferentes momentos, comentei com professores e investigadores brasileiros a política do PNLD. As opiniões dividem-se, sobretudo em períodos de maior enfoque ideológico e doutrinário. Mas a verdade é que o livro escolar brasileiro foi sempre matéria de grande apreço e de elevada qualidade. Acresce também que o facto de se tratar de um mercado condicionado tem evitado tendências especulativas e concentracionárias. Daquilo que fui acompanhando, as matrizes de avaliação têm tido reflexo na qualidade editorial, no plano técnico, e têm possibilitado o acesso ao livro pela generalidade do público escolar.

Entrevistadores: Temos testemunhado, principalmente a partir da última década do século XX, uma descontinuidade na história do livro no que diz respeito à sua materialidade. A revolução digital tem transformado, simultaneamente, os suportes da escrita, a técnica de sua reprodução e disseminação e os modos de ler. No Brasil, esse panorama tem se estendido às edições escolares. Recentemente, o governo de São Paulo decidiu não aderir ao PNLD e declarou que os estudantes da rede pública estadual paulista receberiam livros apenas em formato digital. A decisão, contudo, foi rapidamente suspensa pela Justiça, que determinou a reintegração da Secretaria de Educação de São Paulo ao PNLD. Na contramão da tentativa do governo de São Paulo, a Suécia, que, desde a década de 1990, buscou implementar a educação essencialmente digital, mudou a postura após resultados em provas de leitura e conselhos de órgãos de saúde e decidiu investir, ao longo de 2023, 45 milhões de euros (cerca de R\$242 milhões) na distribuição de livros didáticos impressos. Em quais proporções o senhor considera que as tendências digitais serão, de fato, extensivas aos livros escolares? E, em sua concepção, quais serão os desdobramentos e os impactos disso em médio e longo prazo?

Justino Magalhães: Uma vez mais, me sinto pouco habilitado a responder com propriedade. O modo de ler em impresso recuperou e prolongou, em boa parte, o modo de ler escolar. Também foi por meio das diferentes configurações do livro escolar que o leitor em impresso foi sendo introduzido ao hipertexto e a diferentes tempos e modos de ler: ler para aprender e conhecer; ler para fruir e experienciar simbolicamente estados de alma que o levem ao encontro consigo e à evasão, imaginando e viajando por mundos outros; ler orientado por perguntas e problemas, selecionando a informação e transformando-a em conhecimento; ler com sentido estético; ler com sentido crítico. Este percurso multiforme e progressivo está contemplado na leitura em digital. Tudo parece configurar que se trata de mera transição; mas não o é de facto. Vários estudos têm vindo a comprovar que o estudo por meio do impresso traz uma maior concentração e uma maior profundidade, para além de o leitor pouco capacitado ter dificuldade em ler grandes narrativas em digital. O mesmo se observa nos leitores escolares, em crescimento.

Na verdade, estudos realizados com públicos escolares, inclusive estudantes universitários, revelam que há “um efeito de inferioridade” na compreensão leitora do papel para o ecrã (Iniciativa

Educação, 2023). E tal efeito não tem sido contraditado com o recurso a *tablets* e outros dispositivos móveis. Necessário se torna continuar a desenvolver melhorias técnicas que aproximem de modo positivo a leitura em ecrã da leitura em papel. Verdade é que os grandes leitores o são no impresso e no digital, e verdade é que o digital se tornou imparável.

Na sua pergunta, refere, e bem, que as opiniões parecem opor-se, mas não creio que seja essa a melhor saída. Há públicos a quem a sociedade tem franqueado uma escolaridade tão econômica e precária que não poderá, em face do digital, deixar de assegurar uma escolaridade que prepare para o mundo social e produtivo. E, se o futuro passa pelo digital, a escola não poderá alhear-se desta realidade. A transição não pode deixar de ser progressiva e de envolver um acompanhamento autonômico. Para tal, a escola não pode deixar de preparar, simultaneamente, o acesso ao impresso e ao digital. Seria injusto e imprudente que a geração infantil e juvenil atual, dita de transição, fosse escolarizada apenas no digital, ficando incapacitada para fazer uso do impresso e do autográfico.

Entrevistadores: No mês de março do corrente ano civil, alguns dias antes de encerrar suas atividades como professor catedrático no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e dar início à nova fase como professor reformado, o senhor proferiu a conferência de abertura “Os manuais escolares e a memória educativa do Seminário Internacional Representações sobre a natureza e a sociedade nos manuais escolares da Espanha e de Portugal (dos anos 60 aos anos 90)”, do Projeto Manuais Escolares (MANES). Como o professor analisa a dimensão de programas de pesquisa e de bancos de dados como o EMMANUELLE, criado por Alain Choppin, no contexto da historiografia francesa e posteriormente o MANES, no que se refere à historiografia ibero-americana, bem como o programa genuinamente brasileiro intitulado Livros Escolares (LIVRES), sobretudo para pesquisadores do livro escolar enquanto principal suporte da cultura escolar, produto de uma dialética entre discurso e *episteme* e fundamental ordenador da cultura, da memória e ação escolares?

Justino Magalhães: Em parte já refleti, em respostas anteriores, sobre o significado epistêmico e o valor científico das grandes bases de dados sobre manuais escolares. São bancos de informação que possibilitam e ganham sentido pleno no âmbito de uma historiografia serial. A constituição de grandes quantitativos torna possível o alinhamento de tendências, o estabelecimento de índices de crescimento e densidade, enfim, possibilita cartografar públicos e territórios de influência, de uso e de circulação editorial. São uma via fundamental para abordagens sociométricas e bibliométricas comparadas. Por confronto com outras séries bibliográficas, as bases de dados sobre manuais escolares têm sido ampliadas com campos específicos que permitem estudos comparativos de natureza criterial. O livro é o grande suporte e o principal ordenador da cultura escolar. Nesse sentido, as bases de dados, elaboradas e estudadas com critério, tornam-se representativas e significativas para estudos sobre memória e ação escolares.

Entrevistadores: Ao pesquisarmos sobre livros escolares, seus trabalhos, professor Justino, figuram entre as principais referências na contemporaneidade, ao lado da obra da historiadora brasileira Circe Bittencourt, de Kazumi Munakata e do imensurável legado deixado pelo historiador francês Alain Choppin. Que outros autores o senhor apontaria como referenciais teóricos importantes para quem se dedica a pesquisar sobre livros didáticos?

Justino Magalhães: É difícil estabelecer uma relação de autores cujos referenciais teóricos constituam uma matriz geral para pesquisar o livro didático. Há centros e institutos de investigação internacionais, nacionais, disciplinares, como há centros e estudos que incidem sobre bibliografias e produções escolares nacionais. Refere autores e estudos para França e Brasil, mas há estudos na Alemanha, Itália, Bélgica, Espanha, no Canadá, nos Estados Unidos da América, no México e na generalidade dos países da América Central e do Sul. Na Espanha, a Rede MANES, em associação com o Centro Internacional de Cultura Escolar (CEINCE), tem vindo a desenvolver uma Base Comum

ao livro em espanhol. Associado à Rede MANES, há um banco bibliográfico sobre manuais escolares portugueses. Na Alemanha, o Georg Eckert Institute for International Textbook Research tem vindo a desenvolver programas para tornar compatíveis as distintas bases de dados.

Entrevistadores: Neste seu novo ciclo, pós-reforma, quais são seus planos? Podemos esperar, em breve, algum trabalho seu que envolva o Brasil, seja em relação ao livro escolar e revistas pedagógicas, seja sobre diários de viagem e escrita dos missionários no Brasil-Colônia, tema ao qual o senhor também dedicou importantes estudos, ou ainda que contemple aspectos relacionados às linhas de pesquisa às quais o professor se dedica e continua a interessar-se?

Justino Magalhães: Há vínculos que gostaria de manter e tenho sido convidado para intervir em eventos científicos e em programas de pós-graduação sobre os temas que me são habituais. Não gostaria que a cessação formal de funções académicas constituísse o fim das minhas relações com universidades, grupos de investigação e investigadores brasileiros. Pela minha parte, importa-me ampliar os campos de estudo e consolidar relações de intercâmbio.

Entrevistadores: Professor Justino, ao parabenizá-lo pela jubilação, após 52 anos de atividade docente, uma brilhante e significativa trajetória destinada à história, à educação e à história da educação, gostaria que o senhor direcionasse algumas palavras aos professores e pesquisadores iniciantes e, de modo especial, aos brasileiros e brasileiras que se dedicam à área da educação.

Justino Magalhães: Agradeço muito estas suas amáveis palavras e o desafio que lança na sua questão. Mas é-me difícil enunciar princípios que possam ser entendidos como orientações gerais dirigidas a professores e pesquisadores iniciantes brasileiros e sinto-me totalmente incapacitado para falar com inteira propriedade da evolução da história da educação do Brasil, pois a minha visão corresponde a uma panorâmica geral e, se algo tenho aprofundado, mantém-se muito circunscrito. Cabe-me, sim, uma palavra de apreço e estímulo para que programas de pós-graduação, grupos e projetos de investigação prossigam na preservação e no inventário de documentos e fontes patrimoniais, museológicas e arquivísticas. São muitos os novos temas que têm vindo a surgir e são muitos os desafios que se colocam. A história da educação no Brasil tem vindo a abrir novas frentes, novos tempos, novos públicos. Adensar e tornar acessível a história da educação é um desafio que se abre nos planos inter e transdisciplinar, em consentâneo com os estudos de história da educação noutros quadrantes nacionais e internacionais. A memória da educação é um legado colectivo, mas há gerações que não acederam a uma educação formal, escolar e não escolar, pelo que têm de ser trazidas pela história da educação à fruição deste legado comum. Espero que as novas gerações de investigadores assumam e interpretam os desafios abertos nas últimas décadas. Que estudem os clássicos e se sintam acolhidos pelos seus mestres, pelas instituições de ciência. Que ousem ser portadores de ânimo e sejam capazes de reabrir horizontes.

Lisboa, Novembro de 2023.

Justino Magalhães.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. La lecture: une pratique culturelle, discussion avec. In: CHARTIER, Roger (org.). **Pratiques de la lecture**. Marseille: Rivages, 1985. p. 218-239.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. La lecture absolue (Théorie et pratique des mystiques chrétiens: XVI-XVII siècles). In: DÄLLENBACH, Lucien; RICARDOU, Jean (org.). **Problèmes actuels de la lecture**. Paris: Clancier-Guénaud, 1982. p. 65-80.

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien: I Arts de faire**. Paris: Gallimard, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Distrito Federal: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador — conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Unesp, 1998.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? **Littoral**, Paris, n. 9, p. 3-32, 1983.

INICIATIVA EDUCAÇÃO. **Ler em papel ainda mantém a dianteira**. Iniciativa Educação. Disponível em: <https://www.iniciativaeducacao.org/pt/ed-on/artigos/ciencia/ler-em-papel-ainda-mantem-a-dianteira>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MAGALHÃES, Justino. **A instrução pública em Trás-os-Montes nos finais do Antigo Regime: contributos para uma projecção da reforma pombalina na génese do sistema educativo português**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Minho, 1989.

MAGALHÃES, Justino. **Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal**. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Minho, 1994.

MAGALHÃES, Justino. **História da educação: história das instituições escolares e das práticas educativas**. 2000. Tese (Doutorado em História da Educação e da Pedagogia) – Universidade do Minho, Minho, 2000.

MAGALHÃES, Justino. **Alquimias da escrita: alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do antigo regime**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino. O manual escolar no quadro da história cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, n. 1, p. 5-14, set./dez. 2006. Disponível em: <https://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/35/30>. Acesso em: 15 out. 2023.

MAGALHÃES, Justino. **Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII–XX)**. Lisboa: Educa; Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2010.

MAGALHÃES, Justino. **O mural do tempo: manuais escolares em Portugal**. Lisboa: Colibri/Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

MAGALHÃES, Justino. **Na rota da educação: epistemologia, teoria, história**. Uberlândia; Campinas: Edufu/Unicamp, 2022.

RICCER, Paul. **Temps et récit III: Le temps raconté**. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

Como citar este artigo: SCHONS, Fernanda; SCHONS, Guilherme José. A cultura escrita no contexto luso-brasileiro: entrevista com Justino Magalhães. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300120, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300120>

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não possuem nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados: Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Contribuições dos autores: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Obtenção de Financiamento, Supervisão, Escrita — Primeira Redação, Escrita — Revisão e Edição: Schons, F.; Schons, G. J.

SOBRE OS AUTORES

FERNANDA SCHONS é mestra pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). GUILHERME JOSÉ SCHONS é mestrando pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 31 de março de 2024

Aprovado em 18 de setembro de 2024

Editor/a responsável: Décio Gatti Júnior  <https://orcid.org/0000-0002-5876-6733>